

F

az tempo a inteligência artificial, ou IA, não é um tema restrito aos cenários da ficção científica ou ao interesse de *nerds* superdotados. Também deixou de ser apenas um item entre tantos na pauta das curiosidades midiáticas – que nem sempre desvelam a magnitude ou o real significado por trás daquilo que mostram –, como aquela protagonizada pelo enxadrista russo Gary Kasparov e o computador Deep Blue na década de 90. Hoje suas aplicações (e implicações) são inúmeras, e ainda que nem tão espetaculares, os avanços na área de inteligência artificial estão cada dia mais presentes, seja na indústria, na educação, nas finanças, na medicina. Sua importância é tanta que a Universidade de São Paulo acaba de firmar uma parceria com a empresa IBM e a Fapesp para a criação de um centro de excelência para pesquisa em IA.

E assim chegamos a este número da **Revista USP**, cujo dossiê é dedicado ao assunto. Ele foi concebido, como adverte Nestor Caticha, do Instituto de Física da USP, no intuito de “desvendar um pouco o que é inteligência artificial”. Ouso dizer (e quero crer que o leitor concorde comigo) que, em se tratando de campo tão vasto e com tão múltiplos e sutis desdobramentos, *um pouco* já é muito.

Saindo do dossiê, nas páginas seguintes da revista, o leitor poderá pensar, com Eugênio Bucci, o lugar da arte e da filosofia no âmbito da universidade; ou analisar, com Jean Pierre Chauvin, um tipo de conversação marcada por falar demais e escutar “de menos”; ou revisitar, com Antônio Maspoli, alguns estudos sobre as formas de messianismo no Brasil; ou ainda, com Andrea Piccini, encantar-se com os antigos citas e sua maneira peculiar de enterrar os mortos. E muito mais.

Jurandir Renovato